ATA nº 12/2019 - CONSELHO PREVIDENCIÁRIO do dia 05/06/2019 – Ata de Reunião extraordinária do Conselho Previdenciário do Instituto de Previdência Social do Município de Macaé – Macaeprev, inscrito no CNPJ sob o n.º 03.567.964/0001-04, na sede do Banco do Brasil, Centro, Macaé, Rio de Janeiro, do dia cinco de junho do ano de dois mil e dezenove, à catorze horas, estando presentes os membros: **Júlio César Marques de Carvalho, Rui de Vasconcellos, Lívia Mussie Oliveira Sant'Ana, Flávio Mancebo de Azevedo, Surama Roberto Soutinho de Oliveira, Juciara da Silva Sobrinho de Oliveira, Ana Beatriz Rangel Cooper Erichelli de Souza, Junir de Miranda Gomes e Rodolfo Tanus Madeira**, para participarem de reunião junto ao Banco do Brasil para receberem daquela instituição financeira uma análise do cenário econômico, visando facilitar a tomada de decisões pelo Conselho quanto aos investimentos possíveis para a carteira do Fundo Previdenciário. As reuniões realizadas nas instituições financeiras tem o objetivo de ouvir o corpo técnico responsável pelos regimes próprios, a fim de que o Conselho possa se posicionar de forma segura quanto aos investimento e desinvestimentos. O analista da BB DTVM S.A., Sr. Davisson, inicialmente abordou sobre o cenário Macroeconômico externo, destacando os seguintes aspectos: A economia global busca estabilizar-se após marcante desaceleração iniciado em 2018, causada pelo enfraquecimento industrial e contrabalançada pelo setor de serviços, este último beneficiado por políticas monetárias e fiscais expansionistas. Também relatou que fragilidades e choques recentes devem prejudicar o ritmo e o perfil de crescimento nos próximos meses, com destaque para a intensificação da guerra comercial, que tem potencial de afetar direta (via comércio) e indiretamente (via incerteza, confiança e condições financeiras), a atividade econômica. O palestrante também citou que a China, por seu turno, deve seguir adotando estímulos moderados na busca de contrapor os choques e estabilizar decisivamente a economia; sendo que a BB DTVM, espera por adicional flexibilização monetária por parte PBoC. Além disso o Palestrante explanou que elevaram-se os riscos de frustação com o ritmo de crescimento global, já desequilibrado a favor dos EUA, fator que, aliado à divergência também entre as políticas monetárias mais avançadas, tende a sustentar a força global do dólar. No âmbito das comodities, há risco significativo de queda de preços no petróleo e perspectiva de sustentação, a curto prazo, dos preços do minério. Em relação ao cenário macroeconômico doméstico, o palestrante da BBDTVM, deu ênfase as seguintes informações: A fraca safra de dados domésticos, enfraquecimento dos fundamentos e aperto das condições financeiras, levaram a uma nova revisão da projeção de PIB do ano: 0,9% em 2019 e 2,00% em 2020. O mesmo também destacou que em relação a reforma da Previdência, a hipótese política é a de aprovação, ainda que com diluição de 50% e apenas ao longo do 2º semestre e continuidade das dificuldades políticas, que contempla eventual reversão de medidas importantes do ponto de vista fiscal, como a revinculação do salário mínimo ao crescimento do PIB. Outro assunto abordado pelo Palestrante, foi que há elevada incerteza nas projeções do câmbio: se fundamentos domésticos apontam para apreciação do Real, o dólar global forte e riscos domésticos limitam a melhora no curto prazo. A BBDTVM, através de seus analistas, trabalham com dólar a R$ 4,05 e R$ 4,15 em 2019 e 2020, respectivamente. Ele também relatou que o menor crescimento, implica patamares elevados de desemprego e ociosidade, por mais tempo na economia. Aliado ao contexto de baixa inflação corrente e dúvidas em relação ao real patamar do juro neutro, os analistas da BBDTVM, passam a esperar a partir de outubro, uma nova redução da Taxa Selic, que segundo eles, fecha 2019 em 5,75% e 6,50% em 2020 nesse cenário. Após falar sobre cenário, o Palestrante a performance em 2019, no segmento RPPS, dos fundos de renda fixa, através de gráfico, com liderança dos fundos atrelados ao IMA-B5+ com rentabilidade acumulada no ano de +15,00%, seguido pelos fundos atrelados ao IMA-B, o BB Previd IMA-B e o BB Previd IMA-b TP, com rentabilidades acumuladas no ano, respectivas de: 10,92% e +10,89%. Com a pior performance estão os fundos que tem como benchmark o DI, como o :BB PREVID RF FLUXO, BB PREVID RF REF DI e o BB PREVID PERFIL, com rentabilidades respectivas acumuladas no ano, respectivas de : +2,59%, +2,55% e +2,54%. Em seguida apresentou a performance dos fundos de renda variável em 2019, com o melhor desempenho no acumulado do ano do BB AÇÕES ENERGIA, com +24,94% e o segundo melhor desempenho foi do BB PREVID AÇÕES VALOR, com +18,48%. Em seguida apresentou o desempenho dos fundos de renda fixa e renda variável, através de gráfico, nos últimos 12(doze) meses, sendo que os melhores na renda fixa e renda variável, foram respectivamente: BB PREVID IMA-B5+, com +32,02% e BB AÇÕES ST FINANCEIRO, com +44,60%. Após isso, apresentou um portifólio sobre os fundos que fazem parte da carteira do Macaeprev, citando que foram alocados cerca de R$ 1.217.551.721,00 (um bilhão, duzentos e dezessete milhões, quinhentos e cinquenta e

um mil e setecentos e vinte e um reais). Os maiores percentuais de alocação são:26,7%, no BB PREVID RF IDKA2, 25,6% no BB PREVID. IRFM e 13,6% no BB PREVID RF IDKA2. Para finalizar o Palestrante apresentou a Carteira Sugerida, em maio de 2019 da seguinte maneira: A carteira conservadora seria composta de: 15% no BB PREVID RF IMA-B, 15% no BB PREVID RF IMA-B5, 20% no BB PREVID.RF ALOCAÇÃO ATIVA FIC, 10% no BB PREVID RF IRF-M TPF, 20% no BB PREVID IRF-M1 TPF e 20% no BB PREVID RF PERFIL/FLUXO FIC. Em relação a uma carteira Moderada, foi sugerida a seguinte montagem: 2% em BB PREVID. AÇÕES GOVERNANÇA, 2% em BB AÇÕES DIVIDENDOS, 4% em BB PREVID AÇÕES VALOR, 5% em BB PREVID. MULTIMERCADO, 7% em BB PREVID RF IMA-B, 20% em BB PREVID IMA-B5 , 20% no BB PREVID. RF. ALOCAÇÃO ATIVA, 10% no BB PREVID IRF-M, 20% no BB PREVID IRF-M1 e 20% no BB PREVID RF PERFIL/FLUXO. Já para uma montagem de carteira arrojada a sugestão seria de: 5% no BB PREVID. AÇÕES GOVERNANÇA, 5% no BB AÇÕES DIVIDENDOS, 8% no BB PREVID. AÇÕES VALOR, 5% no BB PREVID. MULTIMERCADO, 14% no BB PREVID IMA-B5, 20% no BB PREVID. ALOCAÇÃO ATIVA, 10% no BB PREVID IRF-M, 20% no BB PREVID. RF IRF-M1 e 5% no BB PREVID. RF PERFIL/FLUXO. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião.

Júlio César Marques de Carvalho

Flávio Mancebo de Azevedo

Juciara da Silva Sobrinho de Oliveira

Rui de Vasconcellos

Ana Beatriz Rangel Cooper Erricheli de Souza

Lívia Mussi de Oliveira Sant'Ana

Surama Roberto Soutinho de Oliveira

Junir de Miranda Gomes

Rodolfo Tanus Madeira

ATA nº 013/2019 - CONSELHO PREVIDENCIÁRIO do dia 19/06/2019 – Ata de Reunião ordinária do Conselho Previdenciário do Instituto de Previdência Social do Município de Macaé – Macaeprev, inscrito no CNPJ sob o n.º 03.567.964/0001-04, na Rua Tenente Rui Lopes Ribeiro, duzentos e noventa e três, Centro, Macaé, Rio de Janeiro, do dia dezenove de junho de dois mil e dezenove, estando presentes os membros: **Júlio César Marques de Carvalho, Rui de Vasconcellos, Lívia Mussi de Oliveira Sant'Ana, Flávio Mancebo de Azevedo, Surama Roberto Soutinho de Oliveira, Juciara da Silva Sobrinho de Oliveira, Ana Beatriz Rangel Cooper Erichelli de Souza, Junir de Miranda Gomes, Rodolfo Tanus Madeira,** para em conjunto analisarem e deliberarem sobre os temas apresentados. Inicialmente, o administrador do Fundo Previdenciário informou que a Carteira do Macaeprev, de maio, apresentou o seu melhor resultado no ano, com sua média ponderada total ficando em +1,58%, bem superior ao mês anterior que foi de +0,92%, principalmente com a expectativa positiva do mercado pela aprovação da reforma da Previdência, devido a melhora do diálogo e a união entre os três poderes e também que porque passou na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça). Com o resultado, superou em 154,84% a meta atuarial, pois esta fechou maio em +0,62%, devido à desaceleração da inflação. Com isso a média ponderada total da carteira no acumulado do ano (janeiro à maio), de 2019, ficou em +5,45%, enquanto a meta atuarial, ficou em + 4,74%. Isso fez com que a carteira de investimentos do Instituto no acumulado do ano, superasse a meta atuarial, em 14,79%, aumentando a probabilidade de ultrapassar a meta ao final do exercício de 2019, mostrando a boa diversificação e estratégia dos investimentos. Os melhores desempenhos no mês, foram os fundos de renda fixa, atrelados ao IMA-B, do Banco do Brasil e do Itaú, como o Itaú Inflação, BB Previd IMA-B e BB Previd. IMA-B TP, que tiveram uma rentabilidade de +3,63% cada. O segundo melhor foi o fundo de renda fixa da CEF, também atrelado ao IMA-B, que teve uma rentabilidade no mês de +3,58%, conforme relatórios em anexo. Todos os fundos de renda fixa de médio e alto risco, sem carência e com carência, superaram a meta atuarial. Já os fundos de renda fixa de baixo risco, somente os atrelados ao Di, ficaram abaixo da meta atuarial, com a rentabilidade média respectiva de +0,48%. Já os fundos atrelados ao IDKA2 e IRF-M1, que também são de baixo risco, superaram a meta atuarial no mês, com as rentabilidades médias respectivas de: +1,00% e +0,65%. Já os fundos de renda fixa de médio risco como os atrelados ao IMA-B5, IRF-M, IMA GERAL, todos superaram a meta atuarial, apresentando as rentabilidades médias respectivas de: +1,37%, +1,74% e +1,84%. Falando de outro fundo de renda fixa, de médio risco, o CEF IRF-M1+, também superou a meta atuarial, com rentabilidade em maio de +2,12%. Em relação aos fundos de renda fixa, com carência, vencimentos em 2020, 2022 e 2024, da CEF, apresentaram uma boa rentabilidade, sendo que somente o CAIXA FI BRASIL 2020IV, não atingiu a meta atuarial, pois teve rentabilidade de +0,54%, enquanto os outros como CEF FI BRASIL 2020I, 2022I e 2024IV, superaram a meta atuarial, apresentando as seguintes rentabilidades respectivas: +0,91%, +0,91% e +2,39%. Em relação aos fundos de renda variável, da carteira, o ITAÚ FOF RPI AÇÕES IBOVESPA

ATIVO e o CAIXA ALOCAÇÃO MACRO MULTIMERCADO (Taxa de Administração), ambos superaram a meta atuarial de maio, com as rentabilidades respectivas de; + 1,01% e +1,96%. Já em relação ao acumulado do ano (janeiro à maio), o fundo de maior rentabilidade da carteira é o FIDC MULTISETORIAL ITÁLIA, com +743,44% , seguido pelo fundo de renda fixa, atrelado ao IMA-B, o BB PREVID. RF IMA-B TP, com uma rentabilidade acumulada de +10,92%. Com relação ao FIDC Multisetorial Itália, apresentou a pior rentabilidade no mês, fechando em -7,27%. No acumulado dos últimos 12 meses, apresenta uma rentabilidade negativa de -27,80%. No acumulado do ano, apresenta uma rentabilidade positiva de +743,44%. Já foram resgatados do FIDC MULTISETORIAL ITÁLIA, até 31/05/19, o montante total de R$ 7.779.365,24, cerca de 77,79%, do valor principal investido (R$ 10.000.000,00). O saldo em 31/05/19, é de R$ 251.480,39(duzentos e cinquenta e um mil, quatrocentos e oitenta reais e trinta e nove centavos). O Patrimônio Líquido do FIDC MULTISETORIAL ITÁLIA, em 31/05/19, é de R$ 6.900.321,47 (seis milhões, novecentos mil, trezentos e vinte e um reais e quarenta e sete centavos). Além disso, em relação ao rendimento, foi positivo em maio/19 de R$ 15.115,77 (quinze mil, cento e quinze reais e setenta e sete centavos). Em relação ao resultado, dos rendimentos no mês de maio/19, da carteira de investimentos do Macaeprev, foi o melhor no ano, com 44.826.319,84 (quarenta e quatro milhões, oitocentos e vinte e seis mil, trezentos e dezenove reais e oitenta e quatro centavos), sem o cupom de juros. No acumulado do ano (janeiro à maio), o rendimento está em R$ 140.140.167,74 (cento e quarenta milhões, cento e quarenta mil, cento e sessenta e sete reais e setenta e quatro centavos). Em relação à composição da carteira por classificação de risco, ficou assim no mês de maio/19: Baixo Risco 35,08%, Médio Risco 55,59% e 9,33% de alto risco. Com relação à alocação de recursos por Instituições Financeiras em maio/19, a carteira do Macaeprev ficou composta da seguinte maneira: Caixa Econômica Federal, com R$ 1.494.272.433,13 (51,95%), Banco do Brasil, com R$ 1.219.050.543,98 (42,38%), Itaú, com R$ 56.779.733,63 (1,97%), Bradesco com R$ 106.146.362,70 (3,69%) e BRL TRUST DTVM, com R$ 251.480,39 (0,01%). Com isso os recursos alocados em Bancos Oficiais Públicos são de: R$ 2.713.322.977,11 (94,33%) e Instituições Privadas de R$ 163.177.576,72 (5,67%). Com relação à alocação de recursos por índices de referência, em maio/19, ficou da seguinte maneira: Marcação na curva e a mercado com carência, com vértice do BB, CEF e FIDC: R$ 402.031.113,33 (13,98%) e sem carência, R$ 2.474.469.454,48 (86,02%), distribuído da seguinte forma: IRFM1: R$ 167.299.295,77 (5,82%), IMA-B: R$ 235.279.253,95 (8,18%), IRF-M: R$ 424.239.657,09 (14,75%), IMA GERAL: R$ 291.210.431,43 (10,12%), DI: R$ 71.168.915,63 (2,47%), IMA-B5: R$ 455.218.548,34(15,83%), IDKA2A: R$ 527.996.073,54 (18,36%), IRFM1+:R$ 269.033.568,62 (9,352%) e IBOVESPA ATIVO: R$ 23.023.696,13 (0,80%). O Patrimônio Líquido do Macaeprev, em 31/05/19, apresentou novamente crescimento e fechou em R$ 2.876.500.553,83 (dois bilhões, oitocentos e setenta e seis milhões, quinhentos mil, quinhentos e cinquenta e três reais e oitenta e três centavos). Com relação ao Cenário Econômico Interno, foi informado que os analistas

das instituições financeiras baixaram a estimativa de alta do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano de 1,00% para 0,93%. Foi a 16ª queda consecutiva do indicador e pela primeira vez neste ano abaixo de 1,00%. A previsão consta no boletim de mercado também conhecido como relatório "Focus", divulgado nesta segunda-feira (17), pelo Banco Central (BC). O relatório é resultado de levantamento feito na semana passada com mais de 100 instituições financeiras. As revisões para baixo na expectativa de crescimento do mercado financeiro para o PIB deste ano começaram, com mais intensidade, após a divulgação do resultado do ano passado – quando a economia avançou 1,1%, e continuaram após a divulgação de uma contração no primeiro trimestre de 2019 . No fim de março, o Banco Central estimou expansão de 2% para a economia brasileira neste ano (número pode ser revisto no fim de junho) e, na mais recentemente, o Ministério da Economia baixou a previsão de crescimento de 2,2% para 1,6% em 2019. O mercado financeiro revisou, ainda, a projeção de crescimento para 2020 de 2,23% para 2,20%. Foi a segunda queda seguida no indicador. Os economistas dos bancos não alteraram a previsão de expansão da economia para 2021 e para 2022 – que continuou em 2,5% para os dois anos. Para 2019, os economistas do mercado financeiro reduziram a expectativa de inflação de 3,89% para 3,84%. A meta central deste ano é de 4,25%, e o intervalo de tolerância do sistema de metas varia de 2,75% a 5,75%. A meta de inflação é fixada pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). Para alcançá-la, o Banco Central eleva ou reduz a taxa básica de juros da economia (Selic). Recentemente, o IBGE informou que o IPCA ficou em 0,13% em maio, o que representa uma desaceleração ante a taxa de 0,57% de abril. Foi o menor resultado para um mês de maio desde 2006 (0,10%). Para 2020, o mercado financeiro manteve em 4% a estimativa de inflação – em linha com a meta central de 4,00% para o próximo ano. No ano que vem, a meta terá sido oficialmente cumprida se a inflação oscilar entre 2,5% e 5,5%. Corte na taxa Selic: Com a previsão de PIB em queda livre e a inflação bem comportada, o mercado financeiro começou a apostar em redução da taxa básica de juros da economia brasileira ainda neste ano. Na semana passada, a expectativa para a taxa Selic, fixada pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central para controlar a inflação, passou de 6,5% para 5,75% ao ano no fim de 2019. A taxa de juros básica da economia está estável em 6,5% ao ano (o menor nível da história) desde março de 2018. Quando as estimativas para a inflação estão em linha com as metas, o BC reduz os juros. Quando estão acima da trajetória esperada, a taxa Selic é elevada. Para o fim de 2020, a previsão do mercado para a taxa Selic caiu de 7,00% para 6,5% ao ano. Desse modo, os analistas continuam prevendo alta nos juros no ano que vem – embora em menor intensidade. Outras estimativas: Dólar - A projeção do mercado financeiro para a taxa de câmbio no fim de 2019 ficou estável em R$ 3,80 por dólar. Para o fechamento de 2020, permaneceu em R$ 3,80 por dólar; Balança comercial - Para o saldo da balança comercial (resultado do total de exportações menos as importações), a projeção em 2019 subiu de US$ 50,14 bilhões para US$ 50,50 bilhões de resultado positivo. Para o ano que vem, a estimativa dos especialistas do mercado subiu de US$ 45,55 bilhões para US$ 46 bilhões;

Investimento estrangeiro - A previsão do relatório para a entrada de investimentos estrangeiros diretos no Brasil, em 2019, cresceu de US$ 83,60 bilhões para US$ 84,30 bilhões. Para 2020, a estimativa dos analistas permaneceu em US$ 84,36 bilhões. Com relação ao Cenário Externo, a economia da China emitiu mais sinais de alerta em maio conforme os Estados Unidos intensificam a pressão comercial, com o crescimento da produção industrial desacelerando inesperadamente para uma mínima de mais de 17 anos e o investimento diminuindo. Apesar de algumas medidas de suporte desde o ano passado, a economia da China ainda enfrenta dificuldades, e investidores temem que uma guerra comercial mais longa entre as duas maiores economias do mundo possa provocar uma recessão global. A produção industrial cresceu 5,0% em maio sobre o ano anterior, mostraram nesta sexta-feira dados da Agência Nacional de Estatísticas, contra expectativa de alta de 5,5% e abaixo dos 5,4% de abril. O investimento em ativos fixos também cresceu menos do que o esperado, reforçando as expectativas de que Pequim precisará adotar mais medidas de crescimento em breve. A expansão do investimento em ativo fixo desacelerou a 5,6% entre janeiro e maio sobre o mesmo período do ano anterior. Analistas esperavam que repetisse a taxa de 6,1% dos quatro primeiros meses do ano. Já as vendas no varejo contrariam a tendência ao subirem 8,6% em maio sobre o ano anterior e acelerando ante a alta de 7,2% em abril, que havia marcado a mínima de 16 anos. Analistas consultados pela Reuters esperavam avanço de 8,1%. A expansão econômica nos Estados Unidos está completando seu décimo aniversário e, em julho, superará o recorde anterior de 120 meses seguidos de crescimento. O grande período de expansão anterior ocorreu durante a presidência de Bill Clinton até a crise das empresas pontocom, em 2001. Os frutos da recuperação atual são evidentes: a taxa de desemprego é a mais baixa em meio século, os salários aumentam, a moradia vale mais do que antes da Grande Recessão, a inflação é baixa e a confiança se mantém sólida. Os nomes de Barack Obama e Donald Trump ficarão assim unidos para sempre na história econômica. Mas este período de recuperação, o mais longo da história dos EUA, caracteriza-se também por ser mais lento e desigual que em ciclos anteriores. O Escritório de Pesquisa Econômica dos EUA registrou 33 ciclos de crescimento desde 1854. Esses períodos de expansão duraram entre 10 e 120 meses. Só em duas ocasiões eles superaram os 100 meses seguidos. Alan Blinder, economista da Universidade de Princeton, assinala que as expansões não morrem devido à idade, mas porque algo acaba com elas. Os especialistas costumam apontar o Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA) como o principal culpado do fim dos ciclos, por seu empenho em combater a inflação. Mas o fim dos períodos de bonança também costuma ser atribuído a uma espiral de aumento do preço do petróleo ou a um colapso de Wall Street, embora neste último caso o estresse nos mercados financeiros tenda a ocorrer paralelamente a outras calamidades. Mas o principal fator desencadeante de uma crise costuma ser a queda do consumo e a perda de confiança. O presidente do Fed, Jerome Powell, descarta uma recessão iminente, mas tem se mostrado cauteloso diante das nuvens de tempestade desencadeadas por Trump com seu desafio comercial a China. Há uma

década, em plena crise financeira, a única coisa em que se pensava em Washington era como evitar que o terremoto que se seguiu à queda do Lehman Brothers arrastasse toda a economia para o precipício. Quase nove milhões de pessoas perderam seu trabalho e o desemprego chegou a 10%, algo quase sem precedentes nos EUA, um país com taxas de desemprego historicamente baixas. Foi dito pelo administrador do fundo que desde os primeiros anos de Ronald Reagan, no início dos anos 1980, não se via um nível de desemprego semelhante. Uma década depois, no entanto, a situação mudou radicalmente. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião.

Júlio César Marques de Carvalho

Flávio Mancebo de Azevedo

Juciara da Silva Sobrinho de Oliveira

Rui de Vasconcellos

Ana Beatriz Rangel Cooper Erricheli de Souza

Lívia Mussi de Oliveira Sant'Ana

Surama Roberto Soutinho de Oliveira

Junir de Miranda Gomes

Rodolfo Tanus Madeira